

ATA DA 1.ª REUNIÃO DO CONSELHO MUNICIPAL DE TURISMO DO PORTO

Aos dezasseis dias do mês de julho de dois mil e vinte, pelas nove horas, reuniu no Teatro Municipal do Porto – Rivoli - Auditório Manoel de Oliveira, na Cidade do Porto, o Conselho Municipal de Turismo do Porto (CMTP), composto pelos representantes dos respetivos membros, identificados na lista anexa à presente ata e que dela faz parte integrante (Anexo I), devidamente convocados para o efeito.

O Senhor Diretor Municipal da Presidência, Adolfo Manuel dos Santos Marques de Sousa, deu início à Cerimónia de Instalação do CMTP, dando às boas-vindas a todos e lendo a ata desta cerimónia. Terminada a Cerimónia de Instalação passou a palavra à mesa para dar início à 1ª Reunião do CMTP.

O Senhor Vereador do Pelouro do Turismo e Comércio da CMP, Ricardo Miguel Araújo Cardoso Valente, apresentou os seus cumprimentos e indicou que, por uma questão estatutária, a mesa deve ser constituída por 3 membros do CMTP e convidou um dos membros empossados na cerimónia como Conselheiro, o Dr. Luís Pedro de Carvalho Martins, Presidente da Comissão Executiva do Turismo do Porto e Norte de Portugal, ER, para completar a mesa.

O Senhor Presidente da Comissão Executiva do Turismo do Porto e Norte de Portugal, ER, Luís Pedro de Carvalho Martins, tomou o seu lugar na mesa.

O Senhor Presidente da CMP, Rui de Carvalho de Araújo Moreira, deu início à reunião, apresentando os seus cumprimentos e dando as boas-vindas a todos ao Teatro Municipal do Porto – Rivoli, a quem agradeceu o acolhimento desta 1ª reunião do CMTP. Saudou o Senhor Vereador do Pelouro do Turismo e Comércio da CMP, Ricardo Miguel Araújo Cardoso Valente, e os Conselheiros que

foram empossados. Salientou a importância do turismo para a economia portuguesa, que representa, diretamente, 10% do PIB, mas muito mais do que isso quando se olha para as suas externalidades. Referiu que nos últimos anos as receitas do turismo triplicaram e que esta indústria estava, antes da pandemia, em franca expansão em todo o mundo, e de forma verdadeiramente impressionante em Portugal. Uma das ideias que prevalece é que esta expansão foi uma estratégia política do Governo e dos Municípios, mas isso não corresponde à realidade, porque o turismo é a indústria mais democrática do planeta, já que depende do empreendedorismo. Mencionou que muitas empresas, grandes, médias e pequenas, viram no turismo a sua oportunidade e fizeram crescer o emprego e ocupar famílias e que, no Porto não contrariámos isso e criámos as condições para que os pequenos empreendedores pudessem continuar a sua atividade. Afirmou que esta política veio de baixo para cima e não de cima para baixo. Disse que surgiu entretanto a turismofobia, com uma série de argumentos contra o turismo e que, agora, estamos confrontados com o espelho desta teoria, ou seja, como podemos viver sem o turismo? Referiu, que a Rua das Flores, por exemplo, estava há 3 semanas tão vazia como há 15 ou 17 anos atrás, o que faz pensar em como é que os turismofóbicos têm memória curta e não se lembram que foi o turismo que permitiu, depois da crise de 2008, reabilitar a Cidade, gerar emprego, colocar aceleradores na Cidade e criar uma compensação para aquilo que tinha sido a perda de influência da Cidade num conjunto de outras atividades. Mencionou que quando, em 2001, foi eleito presidente da Associação Comercial do Porto, era difícil encontrar junto ao Palácio da Bolsa um local onde comprar um jornal, cigarros ou encontrar algum tipo de atividade. No Morro da Sé, onde era necessário fazer obras, perguntou-se às pessoas que lá viviam, que tinham que sair por causa das obras, se queriam mudar temporariamente ou definitivamente, e 82% das pessoas disseram querer sair sem ter que aí voltar, o que demonstra a falta de vontade da população em ocupar aqueles espaços. Se não fosse o impacto do turismo, a reabilitação do comércio na Cidade não teria sido possível. Disse que quando olhamos para o comércio na Cidade do Porto recordamo-nos bem da sua situação: no início do milénio o comércio de rua tinha sido perdido. Os clientes tradicionais da Cidade

do Porto vinham de sítios distantes e, entretanto, deixaram de vir porque os locais de origem também começaram a ter os seus pontos de comércio. Referiu que o comércio da Cidade reabilitou-se pelo esforço do empreendedorismo e não pela intervenção política e que é um mito dizer isso. Há que diga que devemos deixar de pensar no turismo e olhar para outras áreas, mas a crise afetou todos os setores de atividade. Criticamos quem quer produzir petróleo ou extrair lítio no país, mas continuamos a querer andar de automóvel e usar telemóveis: pela mesma lógica, vamos deixar de investir na agricultura, porque há uma crise na agricultura? Esta crise é transversal à economia, abrange todos os setores e a economia global caiu de uma forma como nunca tinha caído. Disse acreditar que a economia pode recuperar, mas terá que o fazer de uma forma ágil e que temos que acreditar que estávamos a fazer bem, e a prova disso eram os resultados que foram obtidos no país. Mencionou que a sua visão é positiva: estamos a passar o *annus horribilis* no turismo e a rampa de crescimento do turismo vai ser acentuada e dependente de fatores exógenos e imponderáveis, mas de uma forma ou de outra as pessoas vão voltar a querer viajar; independentemente do impacto económico, o turismo permite-nos estar com os outros e as pessoas precisam disso. Disse que antes da pandemia estávamos a fazer esse caminho, já estávamos a “virar” o turismo para novos clientes, e nesta altura temos que ser ousados, interpretar as mudanças necessárias e corrigir erros, que todos fizeram. Temos aqui um tempo que é como uma apneia do sono e durante esta apneia devemos perceber como corrigir o tiro para ser mais certo. Referiu que podemos fazer mais nos transportes turísticos, nos roteiros, numa ideia de visita à Cidade onde se propiciam novas rotas e se equilibra o território, adotar uma atitude estratégica com menos rivalidades dentro da região. É uma oportunidade de nos reinventarmos e é para isso cá estão todos os membros do Conselho. Afirmou que o turismo não é uma política da Câmara, mas sim dos cidadãos, em que compete à Câmara regular a convivência dos cidadãos com os turistas no espaço público e potenciar o regresso dos turistas. Temos que ser ágeis porque todas as regiões concorrem entre si, o destino tem que potenciar novas imagens, algumas das quais já estão a ser comunicadas na campanha que está em curso, porque as pessoas procuram coisas diferentes. Disse que o Porto tem uma

enorme diversidade de oferta e não um único produto, e a articulação entre os vários produtos será o sucesso da Cidade e de todos os que estão envolvidos direta, mas também indiretamente no setor. A maioria dos cidadãos, que agora teve a oportunidade de se recordar de como era a Cidade, terá uma maior apetência para acolher os turistas. A verdade é que os cidadãos do Porto adoram os turistas e a prova disso é que quando falamos com os turistas, eles dizem sempre que são muito bem recebidos, que somos cordiais e muito disponíveis. Agradeceu a todos e desejou bom trabalho.

Seguindo a ordem de trabalhos, **o Senhor Vereador do Pelouro do Turismo e Comércio da CMP, Ricardo Miguel Araújo Cardoso Valente**, fez uma breve contextualização do CMTTP antes de avançar para o debate do tema do dia. Explicou que entendeu que fazia sentido haver um CMTTP assente em duas ideias principais: o Porto fez o seu caminho do ponto de vista turístico, enquanto Município, com um papel relevante da ATP, onde delegou um conjunto de competências, sobretudo de promoção turística, e chegou ao momento, que está a ser feito, de a gestão do turismo ser feita do ponto de vista territorial, ou *destination management*, numa lógica global e transversal, razão pela qual está presente o Senhor Vereador do Urbanismo e do Espaço Público. Disse que o turista é alguém que é transitório na Cidade, está lá só por um curto espaço de tempo, e por isso, temos que gerir o turismo como gerimos outras atividades da Cidade, necessidade que já existia antes da pandemia. Referiu que o que se pretende com este Conselho é: em primeiro lugar, ter uma lógica *bottom up* na construção de políticas de turismo, que têm que ser mais endógenas aos agentes privados e públicos que estão no terreno; tem que ser um fórum de promoção, participação e envolvimento dos setores público, privado, associativo e sociedade civil no progresso integrado e sustentável da Cidade. Este objetivo é estratégico e o turismo tem que estar integrado neste objetivo. O segundo objetivo é contribuir para a valorização da oferta turística e a consequente divulgação do Porto como um destino de excelência do turismo mundial. Em terceiro lugar, consolidar uma visão estratégica para a inovação e desenvolvimento da cidade do Porto. Referiu que o fórum aqui criado não se fecha aqui, tem que dar lugar



à criação de grupos de trabalho operacionais, tem que desencadear propostas de planos de ação para os temas que vão sendo discutidos no fórum. Afirmou que o conjunto de entidades que foram convidadas para integrar o CMTTP pretende já promover o envolvimento que se considera necessário para que se prossiga no melhor sentido. O turismo no Porto tem um papel chave e se, antes da pandemia, já havia a intenção abordar estes temas, com a pandemia tornou-se ainda mais relevante. Mencionou que foi recentemente apresentado um livro sobre o Porto por um historiador escocês, que tem um título genial: "Porto de entrada para o mundo", que vai de encontro ao Porto como cidade aberta e liberal e alinhado com o Porto ser uma cidade que abraça o turismo. Referiu que o turismo está na sua génese, é, como o Senhor Presidente da CMP disse, a maior vitória do mundo democrático, do mundo liberal que nós vivemos e espera que continuemos a viver, representa a liberdade de ir entre vários pontos, conversar com as pessoas que aí estão e enriquecer-nos. Reforçou que é chave para a questão da intolerância no mundo, como se vê com o exemplo dos jovens, que se confrontam com culturas muito diferentes, aprendem, adaptam-se e isto é muito importante na construção de um mundo melhor. Disse que o que pretendemos com este Conselho é construir um Porto melhor, em que o turismo é uma das pedras fundamentais no desenvolvimento económico da Cidade. Abriu, de seguida, o debate, lembrando que o tema selecionado para esta primeira reunião é o contexto atual do turismo na Cidade do Porto e na região Norte. Passou a palavra aos Senhores Conselheiros.

O Senhor Presidente da Comissão Executiva do Turismo do Porto e Norte de Portugal, ER, Luís Pedro de Carvalho Martins, cumprimentou os presentes e agradeceu o convite para estar presente no CMTTP. Reforçando e complementando as linhas mestras do debate deixadas pelo Senhor Presidente da CMP, lembrou que partíamos, antes da pandemia, de uma situação fantástica relativamente ao turismo, que é a que quer ter em conta e que nos fará acreditar que o turista, nacional ou estrangeiro, não vai esquecer em 5 ou 6 meses as razões pelas quais procurava o destino Porto. Havia, antes da pandemia, 6 milhões de hóspedes que geravam quase 12 milhões de dormidas e crescíamos



acima da média nacional. Mencionou que as razões deste crescimento já foram referidas e quer apenas juntar mais uma: há uma pequenina mudança, muito importante, naquela que foi a estratégia do turismo nacional, que pode ficar de lição para quem define esta estratégia – durante anos e anos a promoção do turismo feita com dinheiros públicos incidiu, essencialmente, em destinos como Algarve, Lisboa e Madeira, conseguindo que alguns deles fossem líderes a nível mundial nos produtos apresentados; mas quando se começou a colocar na agenda e na comunicação digital destinos como o Norte, o Centro e o Alentejo, o crescimento ocorrido não foi coincidência, mas sim resultado da diversidade e riqueza de outros produtos que até aí não estavam disponíveis ao turista internacional e passaram a estar. Por isso o Porto e Norte crescia, nos últimos anos, acima da média nacional: 15% em janeiro, 22% em fevereiro, ia ser um ano excepcional. Aproveita, neste momento, para fazer ao Senhor Presidente do Município um agradecimento público, justo e merecido, pelo desafio que, no início do seu mandato, o Dr. Rui Moreira lhe colocou para resolver um problema antigo, que não ajudava a Cidade e a região, porque TPNP e ATP trabalhavam de costas voltadas e não havia uma estratégia comum de promoção e marketing e uma voz única no contexto nacional. Referiu que esta questão foi resolvida em poucos meses e com um trabalho que está a ser feito desde muito antes da atual situação, e que agradece à atual direção da ATP. A campanha que está agora disponível resulta deste trabalho e tenta traduzir aquilo que é o Porto e o Norte. Mostra-se um território novamente aberto e disponível para receber com a máxima hospitalidade, mas também com a máxima segurança, tranquilidade e privacidade, questões que não eram, antes, importantes. Esta é uma pequena campanha comparada com as que já estão previstas. Disse que é necessário olhar com muita atenção para as empresas. É muito difícil manter os níveis de qualidade faturando muito menos do que o normal. Os turistas nacionais vão ajudar a diminuir o impacto, mas não resolvem o problema e, depois de ultrapassado este momento, é preciso que existam empresas sólidas, com os RH e a qualidade que tinham e que faziam com que o Porto e o Norte crescessem. Referiu que é necessário um reforço das verbas para este setor. Apoiando o pedido de discriminação positiva a favor do Algarve feito pelo Senhor Presidente

da República, por solidariedade e por perceber o impacto da situação, sugere que o Governo faça uma discriminação positiva ao setor do turismo e não a regiões. Há um conjunto de outros setores que são prejudicados pela diminuição do turismo, agricultura, têxtil, porcelanas, vidro, um sem número de atividades não diretamente associadas ao turismo, mas que sofrem um impacto muito grande com o seu declínio. Afirmou que o contexto do CMTF e a possibilidade de ter grupos de trabalho pode acelerar muito do que se queria já fazer e, havendo esta motivação acrescida, vê com muito bons olhos este Conselho e reforça a lógica de que juntos somos mais fortes e que estão aqui para unir e fazer o mesmo que já aconteceu entre TPNP e ATP, agregar para ultrapassar esta grave situação por todos vivida.

O Senhor Representante do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Norte, Francisco Manuel Martins Lopes Figueiredo, chamou a atenção para a situação do setor. Afirmou que a crise sanitária que se transformou rapidamente numa crise social, afetando especialmente o setor do turismo. Os trabalhadores têm uma perda terrível nos seus rendimentos, muitas empresas não vão reabrir e milhares de trabalhadores estão sem emprego e salários. Mesmo as empresas que estão a reabrir, fazem-no sem pagar salários, há meses de salários em atraso, e estes trabalhadores não têm qualquer apoio social. Chamou a atenção de todos os Conselheiros para esta situação e para a necessidade de criar condições para que as empresas abram e sejam pagos os salários e repostos os direitos dos trabalhadores. Referiu que, durante muitos anos, não houve atualização salarial e que, para que a qualidade do trabalho entregue seja garantida, é necessário melhorar os salários, os trabalhadores são centrais na prestação dos serviços. Referiu, ainda, que face à grande rotatividade no setor, é também necessário assegurar a formação, para que esta qualidade exista.

O Senhor Provedor da Misericórdia do Porto, António Manuel Lopes Tavares, sublinhou a importância deste CMTF, dizendo que é fundamental que haja uma plataforma que agregue elementos das diversas áreas que têm



interesses neste setor, pelo que dá os parabéns pela criação deste Conselho. Disse que, apesar de não haver informação sobre como se vai ultrapassar a pandemia, pensa que o Porto tem condições, dentro da nova normalidade, para continuar a receber os turistas e ter uma política para o turismo interno. Referiu que o esforço que foi feito de alinhamento entre o TPNP e ATP é um bom sinal e que a SCMP está disponível para o que for necessário.

A Senhora Vice-Presidente do Conselho de Administração da Fundação de Serralves, Maria Isabel da Silva Pires de Lima, felicitou a CMP por esta iniciativa e disse que há algumas coisas que cumpre fazer mais de imediato, no atual ambiente de incêndio, para colmatar as das dificuldades com que o setor se depara. Contou um pequeno episódio que se passou consigo, sobre um turista que encontrou há uns meses atrás numa zona excêntrica da Cidade, dizendo que o Porto tem imensos pontos de interesse. Isto é um alerta para olhar para as zonas excêntricas da Cidade, mesmo espaços abertos, ao ar livre, que podem ser potenciados. Afirmou que devemos oferecer novas rotas que abranjam esses espaços, à semelhança do que a CMP fez com o roteiro museológico. É vital criar ofertas envolvendo as periferias da Cidade, usando alguma imaginação, sem cair na dependência de apenas uma oferta de turismo. Referiu que o Algarve só tem turismo sazonal porque nunca se articulou com os concelhos próximos, que podem propiciar rotas fantásticas a partir de lá, e que este é um exemplo para o qual se pode olhar para evitar que no Porto se faça o mesmo em relação ao centro. Mencionou que é, também, importante fazer ações conjuntas com outras regiões do Norte e do Interior, com as quais possa haver sinergias. O próprio Interior já tem um outro tipo de procura diferente do que tinha antes, o do turismo nacional. Disse que para acorrermos ao fogo imediato, precisamos de trabalhar a imaginação e aproveitar espaços que ainda não estão trabalhados.

O Senhor Presidente da CMP, Rui de Carvalho de Araújo Moreira, demonstrou concordância com a Prof. Dra. Isabel Pires de Lima e disse reconhecer que, ao contrário do que se pensa, é conveniente que haja alguma sazonalidade nos destinos turísticos, porque cria no preço da hotelaria um



conjunto de ondas que possibilitam um aproveitamento tático da oferta. Afirmou reconhecer também que há áreas da Cidade em que a pressão turística era e voltará a ser excessiva, tal como a Praça de S Marcos em Veneza, mas que, num estudo feito junto de turistas que já tinham visitado a cidade do Porto, o monumento mais icónico passou a ser a Casa da Música, ou seja, há já um movimento de descentralização. Este movimento tem que ser feito por todos os agentes turísticos, porque apesar de tudo os turistas procuram coisas icónicas, o turista é um colecionador e, por isso, é necessário comunicar a ideia de que há locais estratégicos onde ele pode encontrar o que procura. Referiu que essa foi a estratégia criada para o Museu da Cidade, em que, para cada uma das procuras e das dinâmicas, a pessoa é convidada a ir a determinados pontos, onde se encontram "estruturas" icónicas. Disse que este esforço tem que ser conjunto e que o Município pode criar peças icónicas para atrair pessoas a estas zonas, mas é preciso que a Cidade densifique a sua rede. Mencionou que, a título de exemplo, em Berlim, há alguns anos atrás, havia áreas totalmente desconhecidas, que hoje em dia são visitadas e que este trabalho é também dos guias turísticos. Afirmou que o sucesso do destino do turismo de Cidade é muito medido pela repetição, o turista tem vontade de voltar e, quando o faz, quer ir ver outras coisas que ainda não viu. É necessário promover zonas que possam ser visitadas, que não as mais óbvias. O que se pretende é que o turista fique mais noites e que vá ao Douro ou ao Minho ou a outros locais do Porto ou da região que ainda não conhece. Referiu que isto também reduz a tal pressão que, por vezes, é quase intolerável para as atividades e que se conseguirmos pegar nestes turistas e espalhá-los na Cidade, tanto melhor. As Avenidas Atlânticas eram desconhecidas dos turistas há uns 2 anos atrás e, hoje em dia, já há turistas a visitá-las por causa das ciclovias. Considera que o comentário da Prof. Dra. Isabel Pires de Lima foi muito bem feito, porque o turismo tem que abranger o produto e o território.

O Senhor Presidente da União de Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde, Nuno Raposo de Magalhães Ortigão de Oliveira, cumprimentou os elementos da mesa e agradeceu o convite para integrar este



CMTP. Concordou com a Prof. Dra. Isabel Pires de Lima e disse que o próximo desafio é como vai ser possível conquistar os passeios e a rua, continuando o que já está a ser feito com as ciclovias e as esplanadas. Mencionou que este fenómeno da conquista da rua pelas pessoas e pelas esplanadas é muito interessante, mesmo que as pessoas não circulem a pé e estejam apenas sentadas nas esplanadas. As pessoas estão agora a viver as ruas de uma forma diferente e é grande o desafio de continuar a conquistar terreno ao automóvel.

O Senhor Representante da Ana, Aeroportos de Portugal, S.A., Francisco José Simões Crespo Vieira Pita, cumprimentou todos, agradeceu o convite para integrar o CMTP, iniciativa que consideram muito importante e referiu que a ANA está muito interessada em apostar nesta colaboração. Disse que antes da pandemia havia um ciclo de forte crescimento das companhias aéreas no Porto, e que, neste momento, mas há um grande desafio e muito trabalho a fazer, porque as companhias aéreas são confrontadas com níveis de utilização da capacidade disponibilizada muito baixos, o que vai colocar os seus *break-evens* muito abaixo dos níveis necessários para a sua sustentabilidade. Referiu que é necessário encher esta capacidade e criar condições para, nesta fase, apoiar as companhias para que consigam voar com estas baixas ocupações. A ANA está já a apresentar propostas de apoio neste sentido, quer ao regulador, quer às companhias aéreas, para que, através de linhas de apoio, as companhias sejam menos penalizadas por andarem com os aviões vazios.

O Senhor Representante da Associação do Alojamento Local em Portugal (ALEP), Nuno Jorge Sampaio da Silva e Cunha Trigo, agradeceu o convite para integrar o CMTP, e disse que a ALEP é a prova viva do tal empreendedorismo de que se falava antes. Referiu que sabem que nem sempre cresceram de uma forma organizada e profissional, fruto da pressão que existia, mas que devem aproveitar este momento para pensar nos tais planos de sustentabilidade que são necessários. Afirmou que, neste sentido, estão totalmente disponíveis para colaborar nos grupos de trabalho que possam ser



constituídos, já que este subsetor tem muita autenticidade, característica que pode aportar valor para a recuperação do turismo na Cidade.

A Senhora Representante da União de Freguesias do Centro Histórico, Iolanda Filipa Basto da Silva, cumprimentou a mesa e deu os parabéns à CMP pela criação deste CMTP. Disse que é necessário criar uma rede entre públicos e privados, porque os primeiros criam recursos e os segundos vendem-nos. Referiu que a CMP tem feito um trabalho extraordinário de dotar a Cidade de ótimos recursos e produtos e que, tendo a Cidade tem uma vantagem muito grande em termos dos produtos que oferece, é necessário que os privados tenham a capacidade de se reinventar e ir no sentido correto. Afirmou que não devemos baixar os braços, mas sim ter força porque o turismo também mudou e o turista procura coisas novas. Deixou um desafio para os operadores turísticos, de trabalharem com as operadoras internacionais, criarem pacotes e encontrarem, em conjunto estratégias para vender e alavancar a nossa economia.

O Senhor Presidente da CMP, Rui de Carvalho de Araújo Moreira, fez uma nota sobre o que disse o Senhor Representante do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Norte, referindo que não estamos numa situação em que o negócio acabou de vez, mas sim em que podemos fazer algo para reabilitar o negócio. Disse que é um grande desafio e que vão ser necessários instrumentos por parte do estado central. Afirmou que, relativamente ao plano de resgate da TAP, apenas com 1% deste valor conseguiríamos manter os postos de trabalho até haver retoma. Referiu que não coloca a questão por a TAP não voar para o Porto, mas pelo montante em causa, que é pago por todos nós e que tem que haver algum balanço para que as atividades de suporte ao setor não morram e a retoma não seja tão demorada.

O Senhor Presidente da Comissão Executiva do Turismo do Porto e Norte de Portugal, ER, Luís Pedro de Carvalho Martins, fez uma nota em relação à intervenção da Sra. Presidente da Junta de Freguesia do Centro

Histórico, dizendo que a campanha que está a ser realizada, que é fortemente digital, é a primeira que consegue ter, em tempo real um chat onde a pessoa pede informação e alguém lhe responde, ou seja, fazendo a ligação entre o destino e as empresas. Há alguém que pode acompanhar o turista desde a pesquisa, até à venda. O turismo nacional está a ir atrás e a próxima campanha terá também associada um site onde foram colocadas as empresas, para potenciar essa venda. É preciso que, quando os turistas voltarem, existam hotéis, restaurantes e outras ofertas turísticas. As experiências turísticas nas regiões circundantes ao Porto está a ser dinamizada em colaboração com os privados e a inclusão dessas regiões. Está a ser feito um trabalho de abrir uma nova parceria com Castela e Leão, que inclui também o Douro.

O Senhor Presidente da Associação da Hotelaria de Portugal (AHP), Raúl Fernando Santos Martins, cumprimentou o Senhor Presidente da CMP e disse que a AHP ficou muito lisonjeada pelo convite para participar neste CMTTP e que está disponível para colaborar no que for necessário, nomeadamente nas áreas formação e prestação de serviços jurídicos. Referiu que a AHP está disponível para incrementar as ações de formação, porque reconhece que o Porto tem sido das zonas em que o crescimento da oferta hoteleira mais tem crescido e que existe esta necessidade. Desafiando a CMP, indicou que a AHP está disponível e interessada em que o seu congresso se possa fazer no Porto, já que são cerca de 500 participantes que vêm jornalistas de todo o país e mundo e aproveitam esta oportunidade para conhecer melhor a região e explorar as potencialidades da Cidade.

O Senhor Presidente da Escola Superior de Hotelaria e Turismo, Representante do Instituto Politécnico do Porto, Fernando Flávio Ribeiro Oliveira Ferreira, agradeceu o convite para participar no CMTTP e disse concordar com o que referiu o Senhor Presidente da CMP, que nem sempre se tem feito tudo bem e que se deve aproveitar esta fase para corrigir aquilo que não foi bem feito, o que só é possível numa fase em que não há pressão turística. Afirmou que uma das necessidades atuais é aumentar a qualificação dos



profissionais do turismo. Nesta fase em que o turismo está “mais lento” é necessário sensibilizar os profissionais, e principalmente os empresários, para a necessidade de qualificação dos recursos. Mencionou ainda que é também necessário estabelecer estratégias que envolvam a comunidade local e a aproximem aos turistas, nomeadamente no caso dos comerciantes. O IPT, através da ESHT, tem colaborado com o Município do Porto para dinamizar o Mercado do Bolhão, envolvendo as pessoas que aí trabalham, os empresários locais, o que tem funcionado bem e é exemplo das estratégias que se devem que potenciar.

O Senhor Vereador do Pelouro do Turismo e Comércio da CMP, Ricardo Miguel Araújo Cardoso Valente, disse que este ponto da ligação à comunidade local, o *community based tourism*, é muito importante e o Porto tem ido nesse sentido. Tem procurado ligar diretamente o comércio da Cidade ao turismo, tem um nível de apoio ao comércio de rua único no panorama nacional. Mencionou o programa de reconhecimento das lojas de tradição, que inclui o financiamento que ronda mais de meio milhão de euros por ano e que o DMTC fez um roteiro de comércio das lojas de tradição, para que as pessoas façam o turismo de compras, numa vertente de *luxury experience* do que é tradicional na Cidade. Referiu que o Porto tem a primeira plataforma digital de divulgação do comércio de rua do país, o Shop In Porto, uma app digital que funciona em português e inglês e que conta já com mais de 1300 registos de comerciantes da Cidade. Disse, também, que existe um programa de formação contínua para os comerciantes, abrangendo inúmeras línguas e temas e que a estratégia do Município é integrada do ponto de vista da ligação do comércio com o turismo da Cidade. Afirmou que em cada km² há uma experiência nova e que é preciso criar os meios para que as pessoas tenham a curiosidade de lá chegar. Estão a ser produzidos um conjunto de roteiros que permitem comunicar estes locais e descentralizar os fluxos turísticos. Referiu, ainda, que existe um projeto de criação de um bilhete único para vários locais turísticos da Cidade e de uma moeda digital da Cidade, que permite que as pessoas que chegam ao Porto consigam usufruir, através do seu telemóvel, de um conjunto de locais de visita



e experimentação, com um conjunto de descontos associados, com o objetivo de ligar o visitante à comunidade, enfatizando o carácter autêntico da Cidade, que é o aspeto fundamental que se quer trazer para o turismo do Porto.

O Senhor Vice-Presidente da Associação de Turismo do Porto, AR, Manuel Augusto da Fonseca Marques, agradeceu o convite e deu os parabéns pela intervenção inicial do Senhor Presidente da CMP, em que se revê totalmente. Disse que estamos a viver não um momento de funeral do turismo, mas de celebração e esperança, em que o CMTPT permite colocar todas as entidades a trabalhar numa direção única e concertada, em relação à Cidade e ao território, com um enorme impacto. Referiu que o "Porto e Norte" não é um slogan, é uma realidade que deve ser reforçada e que é necessário olhar para o país de forma responsável. Mencionou que o Porto não deve estar a pagar a conta de alguém que não fez o trabalho de casa e que é necessário que sejamos capazes de estar à frente e em melhores condições. Disse, também, que é preciso termos consciência de que há outros locais do mundo que estão a crescer como nós, que não somos melhores que os outros. Há investimento novo a chegar, hotéis a abrir e espaços a crescer, mas é preciso o apoio institucional, que é muito importante para a resiliência das empresas, que são, muitas vezes, de pequena dimensão. Referiu que o *storytelling* é muito importante e que é preciso, quer do lado público, quer do lado privado, ir atrás da Cidade e perceber que ela é muito mais do que o centro histórico. O mercado nacional e o mercado espanhol vão trazer-nos resiliência, mas não a solução do problema. É por isso que temos que ser realistas, porque os turistas não vão chegar cá no curto prazo. Afirmou que as entidades de turismo e a CMP têm aqui um papel muito importante, porque a TAP não tem um papel estratégico para o Norte e é preciso trabalhar com o Turismo de Portugal numa lógica de coordenação e de competência. É preciso abordar esta realidade com estratégias que não são nacionais, têm que ser direcionadas, é importante demarcarmo-nos da estratégia nacional, porque ela não é a nossa. Referiu que a capacitação dos recursos é muito importante e que temos agora o tempo necessário para pensar nisso. Há muito trabalho a fazer e a reflexão mais urgente é nesta área. O que aí vem será diferente e é



preciso requalificar os RH para essa nova realidade e perceber como é que a Cidade terá que ser trabalhada. Disse, por fim, que é também importante comunicar a confiança no setor da saúde, perceber como é que o SNS deve responder aos turistas estrangeiros e explicar às pessoas o que podem esperar quando vierem, uma espécie de via verde para o turista, para que seja atendido no SNS da mesma forma que um turista nacional.

O Senhor Representante da Associação Comercial do Porto, ACP, Jorge Miguel Barreira de Macedo, cumprimentou os membros da mesa e agradeceu o convite. Disse que a ACP está totalmente alinhada com a estratégia da CMP, do TPNP a da ATP para o turismo. Referiu que há dois pontos importantes a considerar: antes da pandemia o turismo estava em crescimento, mas este não é eterno, há desafios permanentes, é preciso inovar, pensar na digitalização, nas *smart cities*, há necessidade de qualificação dos RH, de capitalização das empresas. Questionou porque não adotar para os agentes do turismo um programa semelhante ao do comércio. Disse que, em resumo, se deve continuar a inovar como já era necessário antes da pandemia. Afirmou que, quanto à pandemia, os turistas não vêm por questões sanitárias e, por isso, é necessário comunicar e contornar a imagem que é passada lá fora, porque se não for correta, pode comprometer a vinda dos turistas. Há turistas que acham que Lisboa está confinada e se a imagem que passa lá fora é de que há um problema sanitário no Porto, haverá um grande problema. Disse ainda que já se nota algum movimento de turistas na Cidade e é muito importante que a CMP mantenha a malha apertada na questão sanitária. É também preciso, para evitar ainda mais problemas, ter alguma diplomacia económica, criando a perceção de que não existe um problema sanitário no Porto e de que as companhias aéreas podem voar para cá.

O Senhor Presidente Executivo do Conselho de Administração da Sociedade de Transportes Coletivos do Porto, S.A., Manuel Tomás Cortez Rodrigues Queiró, agradeceu o convite e disse que, apesar de ser uma empresa do Estado, os STCP estão totalmente disponíveis para colaborar. Referiu que é necessário manter o crescimento da oferta na Cidade, ter mais carros,



contratar mais motoristas e pessoal, estratégia que, depois da pandemia, possa ajudar a substituir cada vez mais as viaturas particulares.

O Senhor Presidente da CMP, Rui de Carvalho de Araújo Moreira, fez uma nota em relação às questões sanitárias, dizendo que o SNS foi capaz de responder às necessidades da pandemia e esta realidade tem que ser comunicada. Para muitos viajantes a segurança já era fundamental antes: muitos turistas do Norte da Europa, por outras razões de segurança, procuraram outros destinos que não os tradicionais e países como Portugal conseguiram rapidamente abarcar este mercado. Referiu que podemos e devemos vender bem o facto de que, se for necessário, há um hospital por perto. Infelizmente não conseguimos extrair-nos da situação de Portugal e a diplomacia sanitária foi mal gerida e imprudente e a ela juntou-se a obsessão, o que é um perigo. Afirmou que houve, a dada altura, uma excessiva arrogância, falando em milagres, e que se repercutiu no que era mais ou menos evitável, porque só começámos a sofrer os efeitos da pandemia algumas semanas depois de outros países como França, Espanha e Itália, pelo que tinha que nos acontecer o mesmo que aí se passou. A obsessão foi tentar mostrar uma coisa que não éramos e apostar em conceitos estratégicos como o de atrair jogos de futebol para Lisboa. Disse que o nosso discurso tem que ser muito prudente, mas não nos conseguimos libertar do que acontece em Portugal, temos que persistir e dar a imagem de que, apesar de tudo, as coisas estão mais ou menos controladas. Os turistas que vêm ao Porto e visitam as nossas lojas e esplanadas, saem de cá a dizer que é mais seguro cá vir do que a Inglaterra, ou outros países. Os danos de imagem que foram criados por muita imprudência estão feitos e não se podem anular. Mencionou que, em relação à TAP, admitindo que o estado português vai investir de acordo com interesses estratégicos para o país, concorda que há alguns interesses estratégicos que justificam o valor que vai ser investido, como o de manter os postos de trabalho ou não criar dano internacional, a que não se opõe por solidariedade e patriotismo. Já outra fatia terá uma razão estratégica de manter uma companhia bandeira, caso em que o valor a ela alocado deve ser repartido pelas regiões impactadas, para que se possa assegurar o necessário para que



haja a oferta que justifica que as companhias voem para cá, criar novas rotas e garantir a sustentabilidade do setor e de outras companhias neste momento de crise. Disse que devemos começar a encaminhar a discussão neste sentido, deixando este desafio ao Dr. Jorge Macedo, que tem uma tradição de se bater nesta matéria.

O Senhor Representante da Associação Comercial do Porto, ACP, Jorge Miguel Barreira de Macedo, respondendo ao desafio, disse que a ACP tem feito o que pode e a imaginação alcança para que a questão da TAP seja abordada em vez de, como em fases anteriores, muita coisa ser feita sem que se saiba o quê. Ainda não foram, por exemplo, disponibilizados os documentos solicitados na sequência da providência cautelar que a ACP colocou. Referiu que, na questão estratégica, convém não esquecer que 10% dos RH do grupo da TAP são brasileiros, que a empresa brasileira do grupo TAP é totalmente deficitária e que este ponto devia ser visto com o Estado brasileiro e incorporado na estratégia da reabilitação do grupo. Não se pode pedir aos cidadãos do Porto que invistam numa companhia que praticamente só voa para Lisboa. Por fim, disse que concorda que, se é uma questão nacional, as verbas devem ser repartidas pelo país.

O Senhor Presidente da CMP, Rui Moreira, perguntou se mais alguém gostaria de fazer uma intervenção e, não havendo resposta, deu como terminados os trabalhos, agradecendo a todos a sua presença e dizendo que este projeto é para continuar conforme previsto e deixando uma mensagem de esperança. Agradeceu, por fim, às equipas que criaram as condições para a realização da reunião e pelas onze horas e sete minutos deu por encerrada a sessão da qual se lavrou a presente ata que, depois de lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente da CMP, Rui Moreira.

O Presidente da Câmara Municipal do Porto


(Rui Moreira)

ANEXO I



Conselho Municipal de Turismo

1.ª Reunião

16 de julho de 2020

Lista de Presenças

Página 1 de 4

Presidente da Câmara Municipal do Porto	Rui de Carvalho de Araújo Moreira	
Vereador do Pelouro da Economia, Turismo e Comércio e do Pelouro da Gestão de Fundos Comunitários	Ricardo Miguel Araújo Cardoso Valente	
Vereador do Pelouro do Urbanismo e do Pelouro do Espaço Público e Património	Albino Pedro Pereira Baganha	
União de Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde	Nuno Raposo de Magalhães Ortigão de Oliveira	
União das Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória	Iolanda Filipa Basto da Silva	
União de Freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos	Carla Sofia da Silva Soares Maia	
Junta de Freguesia de Campanhã	António Joaquim Santos Nunes Rodrigues	
Junta de Freguesia de Paranhos	Luís Alberto Bastos Torres	
Junta de Freguesia de Ramalde	Sérgio Paulo da Silva Messias Tormenta	
Junta de Freguesia do Bonfim	José Fernando Nascimento Soares	

lin



Conselho Municipal de Turismo

1.ª Reunião

16 de julho de 2020

Lista de Presenças

Página 2 de 4

Turismo do Porto e Norte de Portugal, E.R.	Luís Pedro de Carvalho Martins	
Associação de Turismo do Porto, A.R.	Manuel Augusto da Fonseca Marques	
Movida	Paula Sofia Figueiredo Dias	
ÁGORA- Cultura e Desporto do Porto, E.M. S.A.	Filipe Lello Ortigão de Carvalho Guimarães	
Associação Comercial do Porto	Jorge Miguel Barreira de Macedo	
Instituto do Emprego e Formação Profissional, I.P.	José Pedro Pires Machado	
Associação Empresarial de Portugal, AEP	Luís Miguel Magalhães Ribeiro	
Direção Regional de Cultura do Norte	António Manuel Torres da Ponte	
Irmandade dos Clérigos do Porto	Pe. Manuel Fernando Soares da Silva	
Santa Casa da Misericórdia do Porto	António Manuel Lopes Tavares	
Fundação de Serralves	Maria Isabel da Silva Pires de Lima	

1
2
3



Conselho Municipal de Turismo

1.ª Reunião

16 de julho de 2020

Lista de Presenças

Página 3 de 4

Fundação Casa da Música	Paulo Seixas Sarmiento e Cunha	
Direção Municipal de Mobilidade e Transportes	João André Gomes Gonçalves Sendim	
Departamento Municipal de Proteção Civil	Carlos Eduardo Saraiva Marques	
Departamento Municipal de Gestão Cultural	Maria Sofia Huet Bacelar Sá Alves	
Metro do Porto, S.A.	Jorge Lopes Afonso Morgado	
Sociedade de Transportes Coletivos do Porto, S.A.	Manuel Tomás Cortez Rodrigues Queiró	
ANA Aeroportos de Portugal, S.A.	Francisco José Simões Crespo Vieira Pita	
Administração dos Portos do Douro, Leixões e Viana do Castelo, S.A.	Maria Helena Gomes Fernandes	
Autoridade Marítima Nacional	Artur Manuel Mateus Pires	
Associação do Alojamento Local em Portugal (ALEP)	Nuno Jorge Sampaio da Silva e Cunha Trigo	
Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal (AHRESP)	Joaquim José Pereira Ribeiro	

6/7



Conselho Municipal de Turismo

1.ª Reunião

16 de julho de 2020

Lista de Presenças

Página 4 de 4

Associação da Hotelaria de Portugal (AHP)	Raul Fernando Santos Martins	
Associação Portuguesa das Agências de Viagem e Turismo (APAVT)	Pedro Cunha Rosa Costa Ferreira	
Universidade do Porto	Maria de Fátima Sousa Basto Vieira	
Politécnico do Porto	Fernando Flávio Ribeiro Oliveira Ferreira	
Escola Superior de Hotelaria e de Turismo do Porto	Mónica Pereira de Oliveira	
Associação das Atividades Marítimo Turísticas do Douro	Hugo Miguel Nunes de Bastos Rodrigues	
DECO - Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor, Norte	João Ricardo Pires Trigo Guerra	
Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Norte	Francisco Manuel Martins Lopes Figueiredo	
Sindicato dos Trabalhadores e Técnicos de Serviços, Comércio, Restauração e Turismo – Delegação Porto (SITESE)	Simplício José Monteiro Sousa Rodrigues	
Associação dos Comerciantes do Porto (ACP)	Joel André Ferreira de Azevedo	
Associação Portuguesa de Hotelaria Restauração e Turismo (APHORT)	Fernando Augusto Amorim Pinto	